

DIALOGISMO E REESCRITURAS TEOLÓGICAS NO CONTO “MÃE JUDIA, 1964”, DE MOACYR SCLiar

Julia Cristina Costa Dias*

 <https://orcid.org/0000-0002-5362-324X>

Weber Firmino Alves**

 <https://orcid.org/0000-0001-9012-9112>

Como citar este artigo: DIAS, J. C. C.; ALVES, W. F. Dialogismo e reescrituras teológicas no conto “Mãe judia, 1964”, de Moacyr Scliar. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1-14, set./dez. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO2114828

Submissão: setembro de 2021. **Aceite:** novembro de 2021.

Resumo: Neste artigo, temos como principal objetivo analisar as relações dialógicas e as reescrituras teológicas na obra literária “Mãe judia, 1964”, de Moacyr Scliar (2004), para verificarmos a construção e os efeitos de sentido no texto. Utilizaremos os pressupostos teóricos de Bakhtin [Voloshinov] (1988), Bakhtin (1926, 1990, 2000), Genette (2006), Silva (2004, 2007), Amora (2006), entre outros, trazendo as noções de dialogismo, heterodiscursos, palimpsestos e reescrituras teológicas, favorecendo a leitura plurissignificativa do conto.

Palavras-chave: “Mãe judia, 1964”. Bíblia. Literatura. Dialogismo. Reescrituras teológicas.

* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. *E-mail:* fokusinstitut@gmail.com

** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Campina Grande, PB, Brasil. *E-mail:* weber.alves@ifpb.edu.br

INÍCIO DO DIÁLOGO

■ **A** obra literária como campo da atividade humana dialoga com outras esferas do saber, sejam elas artísticas, filosóficas, religiosas, políticas, entre outras, por ser evento comunicativo, no qual se manifestam outras relações dos homens entre si e com as realidades, ou seja, “um objeto aberto, plural, dialógico, ligado ao contexto extraverbal” (SILVA, 2004, p. 53). Assim, a literatura nos leva a pensar outras realidades, sem restringir-se apenas à estética.

Amora (2006) diz que o conhecimento de certas disciplinas, como História, Psicologia, entre outras, ajuda-nos a compreender as produções literárias devido à sua interconexão. Diante dessa observação, é possível perceber que, na concepção do autor, “Todas estas disciplinas, bem como outras, tal o caso da Filosofia, da Mitologia, da Religião, são, não apenas úteis à Teoria da Literatura, mas muitas vezes necessários apoios” (AMORA, 2006, p. 156). Na mesma linha de pensamento, Silva (2004, p. 72) diz:

Como a literatura não tem uma temática específica, ela sempre convoca outros textos, entre os quais os prototextos bíblico-teológicos, isto porque nela se evidencia, por isto mesmo, um cruzamento dialógico de vários textos, que se dá em nível horizontal e nível vertical; diálogo entre o texto e o leitor, entre o texto e os seus outros textos; entre o texto e o mundo.

Concordando, portanto, com as palavras de Silva (2004), as temáticas religioso-teológicas se tornam conteúdo da literatura e o conhecimento de determinadas nuances potencializa a leitura e a compreensão dos textos literários. Nesse sentido, acreditamos que muitos fios podem ser tecidos com base nessa perspectiva de estudo. Diante disso, neste artigo, temos como principal objetivo analisar as relações dialógicas e as reescrituras teológicas presentes na obra literária “Mãe judia, 1964”, de Moacyr Scliar (2004), a fim de verificarmos a formulação e construção de sentido no/do texto.

Como fundamentação teórica de nosso artigo, recorreremos à produção teórica linguístico-literário-filosófica de Bakhtin e o Círculo, especificamente, lançando mão das noções de dialogismo e heterodiscursos. Para o conceito de palimpsesto, reescrituras teológicas e o diálogo entre teologia e literatura, utilizamos como referenciais a teoria de Genette (2006) e as contribuições de Silva (2004, 2007), Amora (2006) e outros. Nessa mesma direção, também recorreremos a autores que se alinham a essa perspectiva dos estudos literários.

Este artigo está dividido em três partes, além das considerações iniciais e finais. Na primeira, abordamos algumas noções que fundamentam a análise do nosso *corpus*; na segunda, apresentamos e contextualizamos nosso objeto de estudo; na terceira, procedemos à análise que será estabelecida a partir de algumas sequências narrativo-discursivas da obra literária.

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE BAKHTIN E O CÍRCULO AOS ESTUDOS LITEROTEOLÓGICOS

Os estudos enunciativos de língua/linguagem de Bakhtin e o Círculo contribuíram para ampliar a compreensão da relação da literatura com outros campos do conhecimento, pelo fato de a própria literatura propiciar, no interior das

obras, as interações, os intercruzamentos de vários discursos e textos. Medviédev (2012, p. 60-62, grifos nossos), ao refletir sobre essa questão, postula que

[...] a literatura, em seu “conteúdo”, reflete e refrata as reflexões e refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, religião, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo” a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte [...]. Assim, a literatura reflete, em seu conteúdo [...] outras formações ideológicas não artísticas (éticas cognitivas etc.). Mas, ao refletir esses outros signos, a própria literatura cria novas formas e novos signos de comunicação ideológica.

Como destacado na citação acima, a literatura, em seu “conteúdo”, reflete e refrata o horizonte religioso, do qual ela também é parte constituinte. No entanto, ao refleti-lo, engendra, para além de sua dimensão estética, novas formas, novos signos e formações ideológicas. Ou seja, entre as várias referências da literatura, também encontramos o fenômeno religioso, representado por meio de seus textos, signos, imagens e práticas simbólicas. Tal pressuposto encontra apoio na concepção de Silva (2007), quando afirma que

[...] estudar a literatura na perspectiva de descobrir as imagens do sagrado por ela veiculadas significa compreender uma dimensão constitutiva da cultura e da sociedade, ao tempo em que se observa como as reescrituras literárias operam reformulações teológicas, em conflito ou em harmonia com as teologias oficiais. Ao longo da história da literatura encontramos abundante presença de “textos sagrados” no seio de textos literários, num diálogo intertextual e/ou interdiscursivo incessante, num processo que configura relações de concordância ou discordância configurando, muitas vezes, intrigantes teologias. A literatura, além de estar intimamente ligada à religião desde suas origens, prossegue sendo sua reescritura, influenciando, por isso mesmo, não só na manutenção de ideologias alienadoras, mas também forjando teologias de libertação do humano, portanto teologias ortodoxas e teologias heterodoxas (SILVA, 2007, p. 19-20, grifo nosso).

Bakhtin (1926), no ensaio intitulado “Discurso na vida e discurso na arte: sobre a poética sociológica”, desenvolve uma instigante reflexão acerca da arte literária vinculada à vida, ao social, direcionada pelo “contexto social concreto”. Conforme argumenta, “a vida não se encontra só fora da arte, mas também dentro dela, no seu interior, em toda plenitude do seu peso axiológico social, político, cognitivo, ou outro que seja” (BAKHTIN, 1926, p. 33). Para Bakhtin (1990, p. 106):

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem [literária] são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos de sua época.

Para os autores citados, existe uma estreita relação entre ficção e social, arte e vida, ou seja, literatura e arte não se esgotam em sua estrutura estilística, forma e conteúdo – como acreditavam os formalistas russos –, nem se limitam à tendência psicologista, isto é, ao estudo da psique individual do criador e do contemplador. Essa particularidade da arte aponta para um dos pilares do conjunto da obra de Bakhtin e seu Círculo – o princípio dialógico da linguagem. Na

acepção comum do termo, é o fenômeno constitutivo da linguagem, ou seja, a orientação dialógica do discurso é, sem dúvida, um fenômeno típico, natural de qualquer discurso. Segundo esses autores, os sujeitos interagem dentro de uma situação social e histórica, visto que estão circunscritos em uma realidade concreta e circundante.

Para Bakhtin (2000), sempre podemos encontrar relações de diálogo em todos os gêneros do discurso, do “simples” (gênero primário) ao mais “complexo” (gênero secundário). Inclusive, considera as mútuas relações dialógicas em obras aparentemente monológicas.

De acordo com esse princípio, todo enunciado (oral ou escrito), inevitavelmente, reporta-se ao que já foi dito e, nessa interação verbal, está relacionado ao enunciado convocado. O sujeito enunciatador se move em um espaço de linguagem social densamente saturado da palavra de outrem acerca de determinado objeto de discurso, compreendido de diferentes maneiras e propósitos, pois “[...] todos os caminhos que levam ao objeto, em todas as direções, as palavras se defrontam com as palavras do outro numa interação viva e tensa com ele” (BAKHTIN, 2015, p. 51). Esse fato deve ser entendido a partir de sua natureza sócio-histórica, ou seja, a linguagem, assim como a vida, que tem características sociais óbvias e é construída pelos sujeitos no processo de interação socioverbal. Para o teórico russo, desconsiderar o princípio dialógico da linguagem é negar a relação existente entre linguagem e vida (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1988).

Segundo o teórico, o dialogismo do/entre texto é um ambiente em que uma série de outros discursos e textos se inter cruzam; isto é, as múltiplas vozes da diversidade social se cruzam, de modo que o resultado da produção humana é um conjunto de vários tecidos sociais e linguísticos. Tal conceito traz implícita a importante noção de pluridiscursividade – de que o discurso não se constrói a partir de si próprio –, porém é elaborado tendo-se em vista o outro.

Fiorin (2006, p. 181) argumentou em seu artigo “Interdiscursividade e intertextualidade” que seria mais fiel às premissas do Círculo de Bakhtin falar sobre as relações dialógicas estabelecidas entre e dentro dos textos. Além disso, esclareceu que a intertextualidade é um tipo especial de interdiscursividade em que duas propriedades materiais diferentes (textuais) são encontradas no texto.

É importante ressaltar que dialogismo não é diálogo. Então, o que vem a ser o diálogo num sentido mais amplo para o círculo bakhtiniano? Bakhtin [Voloshinov] (1988, p. 123, grifo nosso) esclarece que

[...] o diálogo [...] é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. [...] Nessa perspectiva, o diálogo, tanto exterior, na relação com o outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem. Refere-se a qualquer forma de discurso, quer sejam as relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, quer sejam textos artísticos ou literários.

Para Bakhtin, o diálogo ocorre entre interlocutores situados numa relação sócio-histórica, isto é, que se realiza em um tempo e local específicos; no entanto, o diálogo é sempre inacabado e infinito, devido às variações da realidade circundante.

Outro ponto importante que o autor traz à tona é que o discurso interior está agregado socialmente ao signo. Este se manifesta na consciência sob a forma de

linguagem, geralmente regido por fatores sócio-histórico-culturais. E, mais ainda, a palavra é o material semiótico da consciência, que determina o conteúdo da vida interior, do discurso interior. Os teóricos vão mais além ao afirmarem que o discurso interior só pode ser resolvido metodologicamente no solo fértil da filosofia da linguagem enquanto filosofia do signo ideológico.

Conforme diz Bakhtin [Voloshinov] (1988, p. 63-64), as formas do discurso interior somente poderiam ser explicadas a partir das formas do discurso dialogado. O autor admite que “[...] as formas mínimas do discurso interior são constituídas por monólogos completos, análogos a parágrafos, ou então por enunciações completas. Mas elas assemelham-se ainda mais às réplicas de um diálogo”. Isso quer dizer que o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito (consciência) e o seu mundo exterior ocorre por meio das palavras. A esse respeito, diz Bakhtin [Voloshinov] (1988, p. 147-148, grifo nosso):

Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante.

A citação acima mostra claramente que não podemos pensar o discurso interior separadamente do discurso exterior, tampouco pensar isoladamente as relações dialógicas, uma vez que ambas se complementam. Em outras palavras, não nos cabe a realização exata do discurso interior em si mesmo, a não ser por meio da representação do discurso exterior.

É no ensaio de Voloshinov intitulado *Estrutura do enunciado* (1930) que melhor se discute o caráter dialógico do discurso interior. O estudioso afirma que:

E, para que nos convençamos, é suficiente considerar que quando nós nos pomos a refletir sobre um tema qualquer; quando nós o examinamos atentamente, nosso discurso interior – que, se estamos sós, pode ser pronunciado em alta voz –, toma imediatamente a forma de um debate com perguntas e respostas, feito de afirmações seguidas de objeções; em suma, nosso discurso se auto-analisa por meio de réplicas nitidamente separadas e mais ou menos desenvolvidas; ele é pronunciado sob a forma de um diálogo (VOLOSHINOV, 1930, p. 5, grifo nosso).

Conforme Voloshinov (1930), o locutor discute com um ouvinte/interlocutor virtual que representa o ideal de sua classe. Esse ouvinte analisa o enunciado e o contesta ou o aprova. Há aí um jogo argumentativo entre as vozes desse diálogo, que é mediado pelas implicações sociais de uma determinada classe. Nos diálogos, sua voz interior é a voz de sua comunidade/classe. Em outras palavras, não há um discurso solitário, orientado apenas para um locutor, mas orientado em direção ao outro, à sociedade.

O que se deve compreender, fundamentalmente, é que os enunciados, ainda que emanados de um interlocutor único [...] são monológicos em razão da sua forma exterior, mas, dada a sua estrutura semântica e estilística, eles são, na realidade, essencialmente dialógicos (VOLOSHINOV, 1930, p. 4).

Concluimos que os estudos da linguagem de Bakhtin e o Círculo ajudam a ampliar sobremaneira a compreensão da relação que se estabelece entre os

diversos discursos no seio das obras literárias e, nesse sentido, admitem que o texto literário enseja o diálogo com o discurso teológico, seja do autor ou do contexto extraverbal do qual este faça parte na sociedade.

Na próxima seção, apresentaremos, então, o modo como o texto literário retoma e reescreve esses discursos teológicos.

REESCRITURAS E PALIMPSESTOS TEOLÓGICOS: BREVES CONSIDERAÇÕES

O conceito de palimpsesto de Genette (2006) também auxilia a compreensão da intertextualidade e dialogismo entre os textos teológicos na literatura, provocando as chamadas reescrituras teológicas.

Historicamente, o palimpsesto era um pergaminho cuja primeira inscrição fora apagada ou raspada para servir a outra inscrição. Todavia, o novo texto não apagava o anterior, de modo que, por transparência, o antigo poderia ser lido sob o novo. Essa experiência material é aplicada figuradamente aos hipertextos, isto é,

[...] as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos (GENETTE, 2006, p. 5).

Silva (2003, p. 153) afirma que “o palimpsesto funciona como chave na leitura de dois ou vários textos em função de um outro”.

Nessa relação entre textos, o novo texto é considerado um hipertexto que se origina sob influência transformadora de um texto anterior, denominado hipotexto. A leitura do hipertexto sempre fará alusão ao hipotexto original, como uma espécie de *link* explicativo, que possibilita novos entendimentos. Silva (2006, p. 44) alude à teoria do palimpsesto: “Considerando que o hipertexto passa por processos de transformação que se apresentam como ampliação, redução ou substituição, podendo, numa mesma passagem, acumularem-se os três [...]”.

No que tange ao conto “Mãe judia, 1964”, de Scliar, a literatura funciona como um hipertexto dos discursos religiosos do cristianismo, embora autor e personagem-protagonistas constituam-se como judeus. Assim, os tecidos da tradição religiosa cristã, conforme os Evangelhos canônicos, aparecem como hipotextos em relação à obra scliariana. Entretanto, o hipertexto experimenta transformações, seja do ponto de vista da ampliação, seja da redução ou da substituição, assim ensejando a plurissignificação e a criatividade da obra literária, nessa relação dialógica entre o novo e o velho.

A relação palimpsesta, por natureza intertextual e interdiscursiva, pressupõe a existência de uma imensa rede de textos, relacionados dialogicamente, formando uma grande teia multidimensional, visto que a criação artística é sócio-histórico-cultural.

O tecido teológico então entendido como “a fixação do discurso sobre Deus na escrita” (SILVA, 2004, p. 72) revela-se no conto “Mãe judia, 1964”, por meio do diálogo que a protagonista estabelece com a escultura de Maria. Embora não seja, do ponto de vista da fé, uma experiência religiosa, há um claro diálogo com os interdiscursos da narrativa dos Evangelhos, os quais, por sua vez, se consti-

tuem numa biografia da vida de Jesus Cristo, desde sua concepção até a sua morte, ressurreição e ascensão, conforme a tradição teológica da fé cristã.

Antes da análise do texto literário e suas reconfigurações teológicas, no entanto, partimos para breves considerações sobre o texto literário.

“MÃE JUDIA, 1964” NO CONJUNTO DA OBRA DE SCLiar: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Conforme já mencionado, sob premissas dos estudos de língua/linguagem, é essencial ter como princípio fundamental a abordagem enunciativo-discursiva em condições sócio-histórico-culturais. Esse é um requisito indispensável para iniciarmos a análise de qualquer gênero discursivo, em qualquer modalidade (escrita/oral/verbo-visual). Por causa disso, é importante situarmos o leitor e, além disso, apresentarmos o contexto sociocomunicativo da obra.

O conto “Mãe judia, 1964” foi escrito por Moacyr J. Scliar, publicado em 2004, pela editora Companhia das Letras, em alusão aos 40 anos do golpe militar no Brasil. Ele faz parte da coletânea composta por três outros textos sobre experiências ligadas ao golpe militar de 31 de março de 1964: o conto “A mancha”, de Luís Fernando Veríssimo; e dois textos de memória – “Um voluntário da pátria”, de Zuenir Ventura e “A revolução dos caranguejos”, de Carlos Heitor Cony.

Moacyr Jaime Scliar, filho de judeus imigrantes da Europa que fugiram da perseguição em sua terra natal, nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O escritor cresceu no bairro Bom Fim, um povoado hegemonicamente judeu de Porto Alegre. Tornou-se médico, embora tenha desenvolvido também a carreira de escritor.

Em razão desses fatos, os críticos de sua obra apontam três marcantes características: em primeiro lugar, a forte presença de personagens judeus, quer sejam bíblicos ou da tradição histórica ocidental; em segundo lugar, os personagens fogem à normalidade do cotidiano, por exemplo, apresentam anomalias sintomáticas, desvios éticos ou psíquicos instigados pela sociedade violenta e competitiva; por fim, uma forte presença do discurso científico, em razão de sua atuação como médico na saúde pública.

Em relação à produção dessa coletânea:

Segundo Nicola Gavioli (2014, p. 100), nas obras literárias do conjunto levanta-se questões importantes acerca do processo mnemônico em relação à ditadura “qual é o lugar e a função das memórias traumáticas da ditadura no Brasil contemporâneo? O que fazer desse passado? [...]. Como reconhecer e como pensar, com os instrumentos da literatura, o obstinado, imaterial e sub-reptício trabalho de manipulação retórica da memória traumática das vítimas ou minorias?”. Assim, Mãe Judia, 1964, e os outros textos do pacote possuem um teor testemunhal, característica comum em obras da literatura do testemunho hispano-americano (SELIGMANN-SILVA apud GAVIOLI, 2014, p. 101).

O contexto histórico da narrativa está relacionado principalmente aos fatos do Golpe Militar no Brasil em 1964. Entretanto, há também na fala da mãe judia o contexto da Segunda Guerra Mundial, pois vários familiares morreram em campos de concentração na Europa. No texto, os dois conflitos históricos se interligam, uma vez que a narradora encontra interseção entre os dois fatos, do ponto de vista das torturas que o filho sofreria:

A vida continuava. A Segunda Guerra terminou e foi aquela celebração, mas nos meses que se seguiram recebemos notícias sombrias da Europa. Nossa família tinha parentes lá e ficamos sabendo que muitos deles haviam morrido em campos de concentração. Mesmo minha mãe, aquela dura mulher, chorava sem parar. Eu também chorava, mas no fundo me sentia aliviada; meu filho nascera num país sem guerras, sem campos de concentração, daquele destino estaria poupado. Destino. Que sabia eu de destino? Que sabia eu dessas merdas todas que iam me acontecer? (SCLIAR, 2004, p. 21).

Sem pretensões de descrever pormenorizadamente a dinâmica da narrativa, trazemos um brevíssimo resumo da obra.

A história começa com o término do relacionamento do narrador com Suzana, no início do ano. O narrador abre o conto nestes termos: “1964 começou mal” (SCLIAR, 2004, p. 5). O golpe pessoal coincide com o golpe político que vai acontecer.

O narrador, ao término do curso de Medicina, consegue um emprego na clínica psiquiátrica Renascença, dirigida por Lucrécia, uma médica gananciosa e controladora, aliada ao governo militar. O médico-narrador acaba se envolvendo sexualmente com a diretora, sem nenhum compromisso sério, pois ela tem outros projetos mais ambiciosos.

O envolvimento do médico com a diretora ultrapassou o limite da intimidade para realizar um ato sem escrúpulos em relação a uma paciente judia. Estranhamente, a mulher frequentava diariamente a capela do hospital, onde conversava com a imagem da Virgem Maria. O caso chamou a atenção de Lucrécia, que mandou o jovem médico colocar um microfone atrás da imagem da santa para gravar suas conversas íntimas, com o objetivo de estudar o caso e produzir um trabalho inovador que lhe rendesse um discurso científico numa grande metrópole internacional.

Entretanto, o relacionamento da diretora com o jovem médico logo se desfez e, envolvida com personagens do golpe, Lucrécia acaba indo a Brasília, onde lhe é concedido um alto cargo no Ministério da Saúde e torna-se sócia de vários hospitais psiquiátricos no Nordeste, conveniados com o governo federal. Dois anos depois, o narrador entra em contato com Lucrécia e solicita a transcrição das conversas da mulher judia.

A transcrição enviada pela médica inclui relatos autobiográficos, seus conflitos familiares nos períodos da infância, do casamento e do nascimento do seu filho, as intimidades sexuais do casal, os conflitos religiosos e políticos, sendo que há um desfecho incompleto, o que permite ao narrador, e ao próprio sujeito leitor, levantar diversas hipóteses quanto ao final do conto.

O narrador pretende vingar-se de Lucrécia, publicando um artigo científico com o conteúdo das transcrições, mas acaba não o fazendo. O conto se encerra com o ressurgimento de Suzana para ser atendida pelo médico-narrador como uma paciente.

A inclusão da transcrição da mulher faz do conto uma narrativa metadieética, pois há uma mescla, o entrecruzamento de duas instâncias narrativas, uma dentro da outra: a primeira, do jovem médico; e a segunda, a principal, da mãe judia como segunda narradora.

As duas instâncias narrativas são divididas em três seções, sem títulos, identificadas de modo gráfico pelo estilo da fonte em itálico, para caracterizar a fala

do médico-narrador, em primeira pessoa, e redondo, para designar os monólogos¹ da mãe judia perante a imagem da Virgem.

Temos, portanto, três momentos no conto: no primeiro, o narrador-protagonista conta sua chegada à clínica; no segundo, há o monólogo da mulher, como narradora da sua trágica história de vida com seu filho; no terceiro, o médico narrador retoma a narração para interpretar a transcrição da história da mãe judia, inclusive suspeitando do trabalho de edição feito por Lucrecia.

A presença dos tecidos teológicos no conto aparece precisamente à medida que a personagem descreve as experiências relacionadas ao seu filho à imagem de escultura de Maria, figura que faz parte da tradição religiosa cristã. A narração da mãe judia está em constante diálogo com a tradição cristã dos Evangelhos, conforme haveremos de demonstrar na seção a seguir.

RELAÇÕES DIALÓGICAS E PALIMPSESTOS COM A TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ NO CONTO “MÃE JUDIA, 1964”

O título da obra “Mãe judia” já estabelece o direcionamento em torno do núcleo central da narrativa, qual seja, exatamente a história trágica de uma mulher que sofre um golpe pessoal com o seu filho em torno do golpe político de 1964. A mãe judia, entretanto, aparece em diálogo com outra mãe judia da tradição religiosa católica, Maria, embora seu nome não seja invocado pela narradora. A referência ao ano 1964 constrói uma delimitação espaçotemporal cronotópica, visto ser esse o ano do golpe que depôs o presidente eleito democraticamente, João Goulart, e principiou um governo opressor de regime militar no Brasil.

A personagem principal da segunda instância narrativa do conto é designada sem nome próprio no conto, apenas pela referência “mãe judia”. Além de generalizar a personagem, isso nos faz pensar na ambiguidade dos significados da expressão, como algo que indica a raça, a religião, o sofrimento, e, assim, aponta para qualquer outra mãe que também perdeu seu filho durante o período de regime de exceção.

Ainda, quanto ao valor semântico dos nomes, cabe destacar a presença de diversos nomes da tradição judaico-cristã, tais como Jacó, Samuel, Raquel, Benjamin, Pablo, José Pedro. Destacamos a figura de Pablo, o espanhol anarquista que influencia Gabriel com suas ideias comunistas, cujo nome remete à tradição cristã, a saber, o nome do apóstolo que teria sido um judeu perseguidor dos cristãos que, ao se tornar cristão, foi o maior líder e divulgador do cristianismo no mundo antigo. De acordo com os judeus da época de Paulo de Tarso, ele era um subversivo do judaísmo.

Mas, saindo do âmbito da tradição judaico-cristã, destaca-se o nome de Lucrecia, que, etimologicamente, no latim deriva de *lucrum*, cujo significado mais comum é “a que lucra”, designando muito bem não só a personagem, mas boa parte dos que estavam ligados ao governo militar.

O nome de Gabriel, filho da mãe judia, quer dizer “mensageiro”. A designação nos remete simbolicamente à figura do anjo da anunciação de Mateus (1:20-21) e de Lucas (1:30-31), que, na religião judaico-cristã, é o anunciador da vinda do messias – o mensageiro das boas notícias de salvação. O nascimento desse

1 O discurso da mãe judia tem uma interlocutora definida, a imagem de escultura da Virgem Maria, na capela do hospital. Entretanto, tratamos o discurso como um monólogo e altamente dialógico.

menino é símbolo de esperança, milagre, alegria, mudança nas relações humanas – análogo ao que se esperava do anúncio do nascimento do menino Jesus, o Messias.

O discurso (interior) da mãe judia é dirigido à imagem da Virgem com o objetivo de comparar a própria experiência pessoal com a de sua imaginária interlocutora, como também o percurso do seu filho com o da mãe de Cristo, comparando, assim, interdiscursivamente, ao enredo da concepção, nascimento, infância, tortura até a ressurreição, segundo consta nos textos da tradição cristã.

No conto, o autor-pessoa lança seu olhar sobre esses eventos e temas. Cuidadosamente, inverte, recria, reformula e reescreve os temas, as figuras bíblicas. Basta observarmos como o texto sagrado foi absorvido em novo enunciado pela personagem narradora:

Tínhamos chegado ao fundo do poço [...]. Mas aí aconteceu o milagre. Não um milagre como os teus; nenhum anjo nos apareceu com a boa-nova. Mas, ousou te dizer, foi quase isso. Porque de repente uma visão se apossou de nós, uma visão maravilhosa, uma revelação: a visão do filho. Um filho, sim. Afinal, era para isso que tínhamos casado, para termos filhos. Um filho seria a solução dos nossos problemas. Já não precisaríamos ficar na cama, tensos; [...]. Resolvemos retomar as tentativas, que foram interrompidas por absoluto desespero. E o fizemos com muita cautela. Cada movimento era estudado, mas – interessante, isso – não desprovido de ternura. Como se fôssemos dois inválidos procurando ajudar-se mutuamente. Funcionou: a barreira foi rompida, e aquele tesão longamente represado nos invadiu com fúria inesperada. Fizemos amor gemendo, gritando, rindo. Quando terminamos tive certeza de que estava grávida. E estava mesmo, segundo constatou o médico (SCLAR, 2004, p. 17-18).

De acordo com os Evangelhos, o nascimento de Cristo se deu de forma miraculosa, por intervenção do Espírito Santo, conforme narrado em Mateus 1:18-25 e Lucas 1:26-38. Na passagem acima, no discurso da mãe, diferentemente do discurso bíblico-teológico, ela e Samuel não conseguiram realizar o ato sexual, até que resolveram ter um filho e, então, como num milagre, consumaram a cópula e romperam a virgindade. Percebemos aqui, então, as vozes incidindo e modificando um discurso já sacralizado – o nascimento virginal de Cristo.

No evento do nascimento de Gabriel, a mãe judia também se refere interdiscursivamente à narrativa cristã sobre o nascimento de Cristo. Nesse trecho, a questão do conteúdo suscita inclusive uma discussão teoreligiosa bastante emblemática, a queda do homem e da mulher, no jardim do Éden, registrada no livro de Gênesis (3:1-7), conforme está escrito: “[...] E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. Podemos observar a presença desse interdiscurso por meio dos enunciados destacados a seguir:

O parto foi difícil. Céus, como foi difícil o parto. Diferentemente de minha mãe, não quis dar à luz em casa, ajudada pela parteira do bairro. Não, fui para um hospital, tive toda a assistência. Vais me dizer que isso não é necessário, que um bebê pode até nascer numa manjedoura, que o importante é ter fé. Eu, porém, não quis arriscar; procurei um bom obstetra. Essas providências todas não me salvaram do sofrimento. Deus falava sério quando anunciou que deveríamos parir em meio a dores. Não sei no teu caso, que foi excepcional, mas

eu paguei todos os meus pecados, paguei com juros, e juros pesados. *Felizmente o menino nasceu sadio, e todos respiraram aliviados, achando que o pior tinha passado* (SCLiar, 2004, p. 19, grifos nossos).

Dizemos, nesses casos, conforme o conjunto da obra de Bakhtin e o Círculo, que o dialogismo (*entre textos*) transparece no fio do discurso, isto é, as palavras do outro estão amalgamadas no interior da enunciação. “É o discurso no discurso a enunciação na enunciação, e é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN [VOLOSHINOV], 1988, p. 144).

Interessa-nos destacar aqui outra sequência narrativa em que há alusão ao texto bíblico: “Não é este o filho do carpinteiro? [...]” (Mateus 13:55), segundo a tradição, Jesus teria aprendido o ofício de “seu pai”, José, o carpinteiro. Tal discurso é reportado quando a personagem, ao falar sobre a profissão de Gabriel, interpela a Virgem, ao afirmar que

[...] pretendia algo melhor para ele [...] que tivesse um diploma, que fosse doutor. Que se distraísse na malharia, tudo bem. Que aprendesse a trabalhar de forma disciplinada também era bom. Mas que Samuel não se iludisse: meu filho iria para a universidade (SCLiar, 2004, p. 23).

Na tradição judaica, quando os meninos completam 13 anos, passam pelo rito de passagem da maioridade. Os Evangelhos relatam esse evento em que Maria e José levaram Jesus ao templo para ser examinado pelos mestres da lei, mas, enquanto voltavam para casa, perceberam o sumiço da criança, tendo que retornar a Jerusalém, onde o encontraram ensinando no templo, impressionando os anciãos da lei com tanta sabedoria e domínio (Lucas 2:41-52). Assim como no relato de Cristo, a mãe judia também descreve a cerimônia de passagem de Gabriel. A diferença é que Gabriel não obteve sucesso no exame e ainda foi ridicularizado publicamente na sinagoga. Além disso, ao voltar a casa, ele desapareceu da festa do rito, sendo encontrado na sinagoga, discutindo com os mais velhos, e chamando um deles de “burguesia depravada e autoritária” (SCLiar, 2004, p. 25).

No conto, Samuel adoece de tuberculose e morre precocemente, retomando interdiscursivamente o desaparecimento do pai de Jesus nos Evangelhos, após a experiência do *Bar-Mitzvá* da criança, o que levou a tradição cristã a interpretar o silêncio da narrativa bíblica como a morte prematura do carpinteiro, razão pela qual Maria aparece sozinha na idade adulta de Jesus.

Diante da morte do marido, a mãe de Gabriel indagou: “Samuel, Samuel, por que você me abandonou?”, reportando-se ao intertexto bíblico: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Marcos 15:34; Mateus 27:46), o qual foi pronunciado por Cristo, na hora da crucificação, questionando a Deus o seu abandono.

Na sequência narrativa, outro episódio bíblico serve de interdiscurso, o evento em que Jesus expulsa os cambistas do templo (Mateus 21:12). Em seu desafo, a personagem compara o acontecimento às ações revolucionárias e aos pensamentos socialistas de seu filho Gabriel, conforme veremos nos enunciados abaixo:

Agredia-me o tempo todo, inclusive por causa do meu trabalho na malharia: eu agora era a burguesa, a exploradora da classe operária. O bate-boca era

constante e uma vez, na mesa, ele jogou a comida no chão, dizendo que aquilo tinha sido pago com o suor dos trabalhadores. Quería, como Jesus, expulsar a chicote os vendilhões do templo. Não era Jesus o modelo dele, era Che Guevara (tinha várias fotos desse cara no quarto), mas tu entendes o que estou te dizendo. Inclusive (SCLIAR, 2004, p. 27, grifos nossos).

Quando adulto, no curso de Filosofia, Gabriel desenvolve influência sobre colegas e, quanto a isso, a mãe manifesta algum tipo de orgulho, de modo que, no diálogo com a escultura da Virgem, comparou o seu sentimento ao de Maria perante as pregações de Jesus:

[...] de vez em quando passava por ali, a caminho do centro, e via o meu filho, o Gabriel, sentado junto com rapazes e moças a uma mesa em que se acumulavam garrafas de cerveja. E falando. Sempre era ele que estava falando; sempre exaltado, sempre de dedo em riste. Mas sabes que eu ficava orgulhosa? Tão orgulhosa quanto debes ter ficado quando vias teu filho pregando para as multidões; teu filho, teu filhinho, agora transformado num homem a quem todos escutavam com atenção e com emoção. Sabias que aquilo não terminaria bem, como eu também sabia; mas, o que é que a gente vai fazer? Somos mães, temos orgulho, ou raiva, de nossos filhos, mas não podemos controlar o destino deles (SCLIAR, 2004, p. 32, grifo nosso).

Nas passagens destacadas, os fatos relacionados a Gabriel apontam previamente para um destino infeliz, que a mãe não pode controlar. Ele se envolve com um grupo revolucionário de esquerda com ações planejadas, na época que antecedeu o golpe militar. É nesse espaço que o interdiscurso dos Evangelhos da traição de Judas (Lucas 22:3-6) dialoga com a contística de Scliar, pois no grupo de Gabriel surge um traidor, Benjamin, que não agradara à mãe judia desde o início, devido ao comportamento desconfiado e olhar furtivo.

A prisão de Gabriel, enquadrado como comunista, é narrada em diálogo com o intertexto da crucificação de Jesus (Mateus 27:27-38), comparando os sofrimentos:

Ai, sei que passaste por coisa muito pior. Sei que viste teu filho sendo crucificado. Sei que sentiste quando os cravos penetravam a carne das mãos dele – era como se penetrassem a tua própria carne, fazendo-te uivar de dor. Mas foi assim que me senti. Ali estava meu filho Gabriel, meu filhinho, o rosto e os braços cheios de manchas roxas e de queimaduras de cigarro, dois dentes arrancados a soco. Mas havia pelo menos um lado bom; não haviam apurado nada contra ele, não o indiciariam. Ai me dei conta: o que eles faziam na faculdade, no Alaska, na casa de um, na casa de outro, era só aquilo, só conversa. A suposta resistência que eles e muitos outros haviam montado não passava de um castelo de cartas, que agora desabava. Mesmo assim Gabriel e seus amigos haviam sido denunciados como revolucionários (por Benjamin, soube-se depois; eu tinha razão em suspeitar daquele cara) (SCLIAR, 2004, p. 39, grifos nossos).

É diante do insuportável medo de perder o filho e o receio de apenas tê-lo nos braços como *Pietà*, de Michelangelo, que a mãe judia enlouquece e é conduzida à Clínica Renascença.

No último trecho da narração, são ainda mais evidentes e marcantes os acentos do discurso bíblico com o registro da ressurreição de Cristo (Mateus 28:1-10).

Repentinamente, a mãe judia encerra seu discurso assim: “Mas hoje recebi uma grande notícia. Hoje tudo mudou. Mudou como deve ter mudado para ti, quando soubestes que teu filho havia ressuscitado, que já não mais estava entre os mortos” (SCLiar, 2004, p. 41).

A transcrição de Lucrecia enviada para o médico termina assim, de modo incompleto, quando, então, recomeçamos com a narrativa do médico, permitindo hipóteses para o desfecho estranho sem uma definição clara do que ocorrera com o filho da mulher. Diversas questões são levantadas: O que aconteceu com Gabriel? Teria sido solto? Ou, por se tratar de uma mulher neurótica, o discurso poderia estar sem fecho? Ou quem sabe a faxineira, por quem a mulher nutria aversão, tivesse chegado? Ou talvez tivesse alta e não pudesse completar? Ou, pior, talvez a transcritora tivesse suprimido o fim, em razão de que a mulher teria informado o paradeiro do seu filho?

Essa última hipótese parece se justificar com a discrepância entre os desfechos, desfavorável para o rapaz e afortunado para a ambiciosa Lucrecia, conforme o narrador fica sabendo nos jornais posteriormente: o rapaz estava preso acusado de ser membro de um grupo guerrilheiro responsável por assaltos e mortes; Lucrecia ocupava um alto cargo do Ministério da Saúde e era sócia de vários hospitais psiquiátricos no Nordeste.

Enfim, o conto de Scliar é construído como um palimpsesto narrativo dos Evangelhos, cujo Cristo/Gabriel têm ideias contrárias a um sistema e acaba traído e morto, mas o final não é nutrido da esperança evangélica de um retorno triunfal, visto que a vitória só ocorreu para os aliados ao sistema. Tal texto possui um campo semântico de abrangência que ultrapassa o limite religioso e culmina numa crítica política ao momento histórico que viveu o Brasil durante a Ditadura Militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto aos resultados, constatamos a ocorrência de relações dialógicas do conto “Mãe judia, 1964” com o texto bíblico, por meio de enunciados e discursos, revelando, assim, uma relação palimpsestosa no seio do texto literário no que tange às Sagradas Escrituras judaico-cristãs. Tais reescrituras ocorrem por meio das figuras de Jesus e Gabriel, numa relação em perspectiva dialógica, entre dois enredos, duas formações religiosas (judaísmo e cristianismo) em comparação, revelando, assim, riqueza dialógica, intertextual e interdiscursiva. Verificamos também uma série de outros intertextos e interdiscursos relacionados ao estudo, por exemplo, a promoção da interface Literatura e História, mas, por questões metodológicas e por razões de espaço, não abordamos esse assunto.

Enfim, é na leitura e na compreensão *ativa* desses princípios fundantes dos estudos da linguagem e literários que podemos averiguar como esses textos e discursos são interpretados, reformulados, apropriados e, portanto, reescritos, enaltecendo o poder de plurissignificação do texto literário.

DIALOGISM AND THEOLOGICAL REWRITINGS “MÃE JUDIA, 1964”, BY MOACYR SCLiar

Abstract: In this article, our main objective is to analyze the dialogical relationships and theological rewritings in the literary work “Mãe Judia, 1964”, by Moacyr Scliar (2004), in order to verify the construction and the effects of meaning in

the text. We will use the theoretical assumptions of Bakhtin [Voloshinov] (1988), Bakhtin (1926, 1990, 2000), Genette (2006), Silva (2004, 2007), Amora (2006), among others, bringing the notions of dialogism, heterodiscourses, palimpsests and theological rewritings, favoring the multi-significant reading of the short story.

Keywords: Mãe Judia, 1964. Bible. Literature. Dialogism. Theological rewritings.

REFERÊNCIAS

- AMORA, A. S. *Introdução à teoria literária*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BAKHTIN, M. [Voloshinov]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. Colaboração Lúcia Teixeira Wisnik, Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, M. *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica*. 1926.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão. Revisão da tradução Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Ensino Superior).
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni et al. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1990.
- BÍBLIA. Português. *Nova versão internacional*. São Paulo: Vida, 2000.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- GAVIOLI, N. Na sala de edição: “Mãe judia, 1964”, de Moacyr Scliar. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 43, p. 99-110, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/Kx4Yj6k5KSMbpw4cT8tqQKH/?lang=pt#>. Acesso em: 4 jul. 2021.
- GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: UFMG: Faculdade de Letras, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/palimpsestos.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2007.
- MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução Sheila C. Grillo, Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- SCLIAR, M. *Mãe Judia, 1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SILVA, E. B. da (org.). *Litteratheos*. Campina Grande: Livro Rápido, 2007.
- SILVA, E. B. da. O nascimento de Jesus-Severino como revelação da esperança: leitura na ponte entre teologia e literatura. In: SWARNAKAR, S. (org.). *Tecidos metafóricos*. João Pessoa: Idéia, 2003. p. 141-198.
- SILVA, E. B. da. O símbolo na metáfora: fronteira entre o literário e o teológico. In: SILVA, A. de P. D. da. *Literatura e estudos culturais*. João Pessoa: Editora UFPB, 2004. p. 51-82.
- SILVA, E. B. da. Literatura e teologia no cenário brasileiro. In: QUEIROZ, R. *Estudos literários e socioculturais*. Campina Grande: Eduep, 2006. p. 31-46.
- VOLOSHINOV, V. N. *Estrutura do enunciado*. Tradução Ana Vaz. [1930].